

Estamos vencendo a luta contra a corrupção?

Jim Yong Kim, Presidente do Banco Mundial

Desde que me tornei Presidente do Grupo Banco Mundial conheci muitas pessoas que se preocupam profundamente com o desenvolvimento e a melhoria da vida dos pobres. Frequentemente me perguntam se estamos vencendo a luta contra a corrupção e eu sempre respondo que “sim”.

Felizmente tenho muitas razões para continuar otimista no tocante ao panorama global. A voz dos cidadãos continua a atuar como uma sólida força moderadora contra a corrupção. Em países como o Brasil, China, Rússia e Nigéria, entre outros, a transparência começou a florescer. Em outros países, financiamos projetos bem-sucedidos que permitem aos cidadãos usar o telefone celular para monitorar como os governos realmente gastam os recursos públicos. Nosso apoio a iniciativas de transparência do tipo “divulgar o que se paga” tornou igualmente mais fácil examinar minuciosamente as indústrias extrativistas e de construção, ambas historicamente inclinadas à fraude e corrupção.

Os Diretores Executivos das principais corporações nos dizem que limpar seus negócios aumenta as margens de lucro. Muitas firmas do setor privado agora verificam a lista do Banco Mundial de entidades excluídas como parte de sua rotina de devida diligência e informações sobre negócios. Quando empresas internacionais de grande porte – como Siemens, Alstom, Oxford University Press e SNC-Lavalin – admitem transgressões e acabam sendo sancionadas ou são colocadas na lista de exclusão do Banco Mundial, isso serve de alerta para outras de que se recusar a seguir as regras do jogo terá consequências graves e negativas. Melhor ainda, muitas firmas na lista de exclusão declararam publicamente que não se envolvem mais em corrupção e reportam outras que o fazem.

No entanto, quando a Transparency International publicou no início deste ano o seu Barômetro da Corrupção, este representou uma lembrança nítida do que temos que enfrentar. Mais de um entre quatro respondentes de pesquisas afirmou que tinha pago suborno nos últimos 12 meses em suas interações com instituições ou serviços públicos. A pesquisa também revelou que a maioria das pessoas não crê que o respectivo governo seja eficiente no combate à corrupção e que a corrupção está piorando em seu país.

Como presidente de uma instituição cuja existência está vinculada à confiança pública, quero deixar bem claro que o Grupo Banco Mundial tem zero tolerância com a corrupção. Estamos comprometidos a apoiar as iniciativas de boa governança em todas as partes do mundo. Não se pode subestimar o valor de determinar o tom certo no topo e lidar imediatamente com problemas quando surgem. Os países com um histórico melhor no combate à corrupção têm líderes expressivos e instituições sólidas mais capazes de impedir o comportamento ilícito antes de ocorrer. Em seis investigações recentes de fraude e corrupção que afetam projetos financiados pelo Grupo Banco Mundial, o ponto crítico surgiu quando os Diretores Executivos participaram pessoalmente da correção dos problemas que levantamos.



DOMINIC CHAVEZ / BANCO MUNDIAL

“Quero deixar bem claro que o Grupo Banco Mundial tem zero tolerância com a corrupção.”

A tolerância zero parece severa precisamente porque é severa. Está também firmemente assentada em uma realidade repleta de riscos financeiros e políticos e na qual os problemas inevitavelmente surgem. Nesse contexto desafiador, o Grupo Banco Mundial estabeleceu a meta ambiciosa de erradicar a extrema pobreza até 2030. Alguns argumentam que esforços ingentes para eliminar a fraude e a corrupção poderiam solapar o comércio, diminuir o ritmo do crescimento e, em última análise, ir contra nossa meta de erradicação da pobreza. Discordo totalmente. De fato, não creio que possamos erradicar a pobreza se não tivermos regras claras, justas e executáveis que ajudem a melhorar a vida dos pobres.

Este é o momento para avaliar honestamente o que funciona no combate à corrupção, onde ainda se enfrentam obstáculos e como podemos envolver novos grupos nesse processo. Precisamos envolver um grupo: os jovens. Hoje metade da população mundial tem menos de 25 anos. No mundo inteiro, os jovens têm um desejo ardente de combater a corrupção, porque na maioria das vezes eles são os perdedores. Aproveitando a moralidade apaixonada dos jovens e a mão firme dos mais velhos e sensatos, creio que podemos eliminar qualquer complacência cultural restante associada com a corrupção. Daremos assim um passo enorme à frente para alcançar nossas metas de erradicar a pobreza e construir uma prosperidade compartilhada para todos.